



©geometrix/PhotoXpress

# Educação democrática: fundamentada pela autonomia e pela gestão do conhecimento

**P**ensar sobre um conjunto de conceitos, métodos, regras e objetivos não é mais uma tarefa restrita aos eruditos. O conhecimento, antes construído por acadêmicos, agora é passível de ser ressignificado - a todo instante - por pessoas com diferentes habilidades e competências, algumas das quais nunca frequentaram uma universidade.

A busca por coerência, pertinência, relevância, significado e propósito representa, neste século, uma consciência planetária, como enfatiza Edgar Morin. Não existe mais um pensar fragmentado, uma ação isolada e uma indiferença quanto aos resultados. Muito menos há verdades e conhecimentos absolutos. O próprio Morin afirma que a educação deve mostrar que não há conhecimento que não esteja, em algum grau, ameaçado pelo erro e pela ilusão.

As tecnologias da informação e da comunicação possibilitaram uma conexão com conhecimen-



tos e experiências dos mais diversos, que sempre estiveram ali, ao nosso alcance, presos em uma “mente brilhante”, e agora encontram liberdade no oceano da internet, nas tecnologias digitais e softwares sociais. Mas para navegar é preciso saber ter pensamento próprio! Devem ser dadas ao indivíduo, especialmente na escola, possibilidades e habilidades de ser livre para construir seus próprios argumentos para a vida.

A escola tem se esforçado para oferecer um ambiente onde o conhecimento possa ser explorado, mas não ressignificado, estudado, verificado, experimentado. As barreiras para isso podem ser sociais, políticas, institucionais, ambientais, estruturais, mas na maioria das vezes o maior limitador está no modelo mental, isto é, na referência que se tem sobre autonomia. Contreras esclarece: “Autonomia é um processo de libertação pessoal da dependência de formas inquestionáveis de

interpretar e de agir no mundo, bem como imaginar e avaliar possibilidades alternativas.”

A passividade é um impeditivo para a construção do conhecimento democrático, que exige autonomia de seus autores. Em um contexto ideal, a gestão do conhecimento representa uma possibilidade para a criação de um sistema aberto, interdependente, que não só troca informações, mas compartilha com diferentes contextos (econômico, social, ambiental, político, empresarial, cultural) saberes ressignificados, se retroalimentando e se autorregulando, em busca de uma configuração orgânica, que considere o ser humano e seus diferentes níveis de necessidade.

Sendo o conhecimento construído e constituído a partir de referências, como valores, crenças, pressupostos e experiências, ao ser transmitido, perde sua característica, passando a ser apenas informação para quem recebe.

Assim, o ensino formal deveria ter como premissa o preparo do indivíduo para ressignificar, experimentar, modelar, reformular e aprimorar a informação para transformá-la em conhecimento.

A representação do processo de investigação de Dewey contribui para compreender que a ressignificação do conhecimento parte de perturbações, incertezas, reflexões ou ações habituais que não funcionam mais, um processo investigativo natural, que mobiliza os seres humanos diariamente, mas inibido/interrompido, justificando a insatisfação e frustração dos que passam pelo sistema de educação formal. Portanto, é urgente considerar a educação partindo da gestão democrática do conhecimento e do desenvolvimento da autonomia. ■

\*Presidente do Instituto Inovar para Educar, especialista em Inovação Disruptiva

[www.thiagochaer.com](http://www.thiagochaer.com)